

# ENSINANDO COM RESPEITO: pedagogia inclusiva para regentes corais

## RESENHA DA OBRA:

SIECK, Stephen. *Teaching with respect: inclusive pedagogy for choral directors*. New York: Hal Leonard, 2017.

***Vladimir Alexandro Pereira Silva***<sup>1</sup>

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)  
Universidade Federal da Paraíba (PPGM-UFPB)

***Anderson Maurício Nascimento***<sup>2</sup>

Universidade do Estado de Santa Catarina  
Universidade Federal da Paraíba (PPGM-UFPB)

***Daniel Berg Cirilo Alves***<sup>3</sup>

Universidade Federal da Paraíba (PPGM-UFPB)

***José Adriano de Sousa Lima Júnior***<sup>4</sup>

Universidade Federal da Paraíba (PPGM-UFPB)

***Laís Lorrany Andrade***<sup>5</sup>

Universidade Federal da Paraíba (PPGM-UFPB)

*Submetido em 09/05/2024*

*Aprovado em 03/06/2024*

O livro *Teaching with respect: inclusive pedagogy for choral directors*, de Stephen Sieck, publicado pela Hal Leonard em 2017, está organizado em duas partes, totalizando oito capítulos. Neles, o autor disserta, dentre outros assuntos voltados à pedagogia musical, sobre diversidade, inclusão, gênero e etnicidade. No prelúdio, o autor explica por qual razão escreveu essa obra, aponta para quem ela se destina, adverte sobre a sua condição de homem cis, hétero, branco e cristão e sugere que o(a) leitor(a) explore os textos complementares, visto que eles foram produzidos por estudiosos(as) que representam com efetividade e qualidade um segmento ou grupo subalternizado, o que lhes confere um legítimo lugar de fala. Esta resenha tem como objetivo analisar o referido livro que, embora tenha sido escrito no contexto norte-americano, pode servir ao cenário brasileiro, tendo em vista os temas que aborda.

O primeiro capítulo discute a necessidade de os(as) regentes corais reconhecerem a diversidade de seus(suas) alunos(as), tais como diferenças culturais, étnicas, linguísticas,

---

1 **Vladimir Alexandro Pereira Silva** é doutor em Música (Regência Coral – Canto) pela Louisiana State University com atuação no Brasil, Argentina, França, Itália, Áustria, Alemanha, Portugal, Espanha, Colômbia e Estados Unidos. Tem peças publicadas pela FUNARTE, UFPE e Gentry Publications-Hal Leonard. Estreou obras de Beetholven Cunha, Eli-Eri Moura, Luís Passos, Reginaldo Carvalho e Danilo Guanais. Deste último, regeu a *world première da Missa de Alcaçus*, no Carnegie Hall (EUA, 2017). Seus artigos estão publicados no Choral Journal, Per Musi, Musica Hodie, ICTUS, Opus e European Review of Academic Studies. Atualmente, é professor nos cursos de graduação e pós-graduação (UFCG-UFPB), Diretor Artístico do Festival Internacional de Música de Campina Grande, regente do Coro de Câmara de Campina Grande e presidente da Nova Associação Brasileira de Regentes de Coros – ABRACO (2021-2024). <https://orcid.org/0000-0002-8694-5827>

2 **Anderson Maurício do Nascimento** é maestro, pianista e arranjador. Bacharel em Música Popular pela FAP-PR, Bacharelado em Fonoaudiologia pela UNINGÁ-PR, Especialista em Interpretação Musical (Regência) pela UNINCOR-MG, Especialista em Gestão Cultural pelo SENAI-PR, Especialista em Pedagogia da Voz pela UNYLEYA-SP e Mestre em Composição e Interpretação Musical (Regência) pela UFPB. Ex-cantor e diretor adjunto (1998 a 2006) do Vocal Brasileiro, sob a direção de Marcos Leite. Atualmente, é diretor do Vocal “Gogó à Brasileira”, Vocal “Boca Bendita” e Coro da UDESC. Estudou rítmica com José Eduardo Gramani (SP/PR); Piano com Benjamim Talbkin (SP), Leandro Braga (RJ) e Antonio Adolfo (RJ); Harmonia e arranjo com Ian Guest (Hungria/RJ/MG); Arranjo vocal com Marcos Leite (RJ); Regência com José Pedro Boéssio (RS), Roberto Duarte (RJ), Osvaldo Ferreira (Portugal) e José de Barros (EUA/BR); Técnica Vocal com Madalena Bernardes (RJ) e Babaya (MG); Produção musical com Giovanni Luisi (Itália). <https://orcid.org/0009-0007-9598-5760>

3 **Daniel Berg Cirilo Alves** é especialista em Música (Regência Coral) pela Universidade Federal da Bahia. Possui graduação em Letras (Francês) e em Música (Regência), ambas concluídas na Universidade Federal da Paraíba. Estudou na Universidade de Lausanne – Suíça (UNIL). Como maestro, apresentou-se na Suíça, França, Alemanha, Letônia e Rússia. Como professor, leciona musicalização infantil em escolas de João Pessoa-PB. É músico da Prefeitura Municipal de Sapé-PB e maestro titular do Coro Sinfônico da Paraíba. Recentemente, regeu o coro da cidade de Gatchina – Rússia, e foi professor de regência, a convite da associação de regentes da Rússia, no conservatório de música em São Petersburgo, representando a América Latina. Atualmente, é mestrando em Práticas Interpretativas (Regência Coral) no PPGM-UFPB, com subvenção da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). <https://orcid.org/0009-0000-6644-0082>

4 **José Adriano de Sousa Lima Júnior** é mestre em Música (Composição) pela Universidade Federal da Paraíba. É bacharel em Música (Composição) pela Universidade Federal de Campina Grande. Já atuou como regente da Primeira Igreja Batista (2019) e da Igreja Congregacional Central (2018) de Campina Grande. É baixo e monitor do Coro de Câmara de Campina Grande, grupo com o qual participou de turnês nacionais e internacionais, interpretando repertório diverso. Suas obras corais têm sido estreadas no Brasil (*Trinos*, 2017 e *Cálix*, 2023) e no exterior (*Tem nos dado*, 2022 – EUA). Integra a equipe Projeto Uirapuru (UFCG – PMCG – SEDUC), desenvolvendo atividades musicais em escolas públicas. Tem escrito composições e arranjos para formações variadas, bem como música coral. Atualmente, é mestrando em Práticas Interpretativas (Regência Coral) no PPGM-UFPB. <https://orcid.org/0000-0002-8221-1500>

5 **Laís Lorrany Andrade** é bacharela em Música (Composição) pela Universidade Federal de Campina Grande. É integrante do Coro de Câmara de Campina Grande e, com esse grupo, já participou de estreias de obras de compositores como Eli-Eri Moura e Danilo Guanais em vários estados brasileiros. Como compositora, teve peças estreadas no X Festival Internacional de Música de Campina Grande (2019), sob a regência do Dr. Luís Passos, e no Festival Louvor em Harmonia, sob a condução de Zacarias Fernandes (2023). Como maestra, regeu o coro infantojuvenil do Laboratório Coral da UFCG (CanteMUS) e coros comunitários na região da Rainha da Borborema. Além disso, foi maestra convidada do Coro de Câmara de Campina Grande para a estreia da música *Cordeiro de Deus* (2023), para solista, clarinete e coro misto, de sua própria autoria. Atualmente, é mestranda em Práticas Interpretativas (Regência Coral) no PPGM-UFPB, com subvenção da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ-PB), e monitora do Projeto Uirapuru (UFCG – PMCG – SEDUC). <https://orcid.org/0000-0001-7158-8719>

além de habilidades distintas. Também é explorado o conceito de pedagogia inclusiva, que se baseia na crença de que todos(as) têm o direito de receber uma educação de qualidade, independentemente de suas características individuais, assim como a importância da empatia e da escuta ativa na construção de ações afirmativas com os(as) coralistas. Sublinha-se, desse modo, o valor da autoavaliação contínua por parte dos(as) regentes corais, que devem examinar suas crenças e práticas.

No capítulo dois, Sieck reforça que é imperativo compreender quem somos e quem são os sujeitos com quem trabalhamos, estabelecendo, para tal finalidade, uma relação de confiança, que será fundamental para que o(a) regente desempenhe seu papel como líder e tenha sua autoridade reconhecida. O autor pontua que, no contexto do ensaio, as correções e sugestões devem ser apontadas de modo adequado, para que não se configurem como *bullying* nem sejam experiências traumatizantes, uma vez que se almeja o amadurecimento técnico e artístico do grupo. Do mesmo modo, o ambiente do ensaio precisa ser saudável e seguro,

[...] um lugar onde qualquer um pode relaxar e ser capaz de se expressar plenamente sem se sentir desconfortável ou inseguro devido ao sexo biológico, raça/etnia, orientação sexual, identidade ou expressão de gênero, formação cultural, afiliação religiosa, idade, ou capacidade física ou mental. Um lugar onde as regras resguardam o autorrespeito e a dignidade de cada pessoa, bem como encorajam fortemente todos a respeitar os outros (Sieck, 2017, p. 28).

Mais adiante, no terceiro capítulo, o autor defende que, para alcançar uma prática docente integradora, o(a) educador(a) deve perceber em si mesmo hábitos, pensamentos ou atitudes capacitistas, pois essa visão “normaliza uma grande variedade de habilidades humanas em um padrão definido e, em seguida, identifica aqueles que não se encaixam ou não podem se encaixar no padrão como anomalias” (Sieck, 2017, p. 41). Outrossim, sugere o uso do termo “pessoas com habilidades diversas”, proposto pela pedagoga Susan Gabel, ao invés de “pessoas com deficiência”, pois é mais abrangente e mantém o foco principal na humanidade do indivíduo. Sobre os desafios de lidar com coralistas que possuem transtornos do desenvolvimento cognitivo-comportamental, o autor afirma o quão importante é que o(a) regente assuma que, a todo momento, eles estão fazendo o melhor que podem, com as ferramentas que têm disponíveis.

No quarto capítulo, Sieck comenta que não há neutralidade no processo de seleção do repertório, pois quando escolhemos uma literatura na qual não constam nomes de compositoras ou poetisas, por exemplo, nós estamos endossando uma situação de invisibilidade e discriminação, reforçando o *status quo*. Além disso, no que concerne ao trabalho vocal, ele observa que uma mulher pode se identificar como contralto, porque prefere cantar com voz de peito, deixando o registro de voz de cabeça, mais agudo, em segundo plano. Nesse sentido, diz que o papel do(a) regente é ajudar a construir um instrumento completo, em sintonia com o perfil psicológico-emocional do(a) coralista, da forma como o sujeito se identifica, sem necessariamente tentar entender por quais

razões essa pessoa se reconhece como tal. Sieck igualmente pondera sobre o trabalho com cantores(as) trans, chamando a atenção dos(as) regentes para essa nova realidade da prática coral.

Na sequência, no quinto capítulo, o autor afirma que se mostra “profundamente desinteressado sobre a vida amorosa dos seus corralistas” (Sieck, 2017, p. 79), uma vez que seu papel é ser um ouvinte e não um investigador. Salienta, entretanto, que é necessário estar atento às mudanças de comportamento dos(as) discentes que, em muitos casos, podem ser sinais de assédio moral e/ou abuso sexual. Sieck diz ainda que é importante esclarecer que os(as) compositores(as) que integram o repertório de determinada temporada ou programa não podem ser rotulados como signatários(as) dessa ou daquela causa, independentemente da orientação sexual ou das questões étnico-raciais ou político-sociais que advogam. O engajamento de tais artistas não produz necessariamente uma arte panfletária. Logo, quando categorizamos determinado(a) compositor(a), ratificamos a ideia da outrificação, definimos uma hierarquia das identidades. Ademais, o autor comenta que a linguagem utilizada nos ensaios deve ser clara e precisa, porque os(as) corralistas podem até não prestar atenção às informações técnicas, mas se lembrarão de comentários ofensivos, uma vez que tais mensagens são processadas e ficam armazenadas por muito tempo numa região específica do cérebro.

A religião é o tema do sexto capítulo, ponto que precisa ser tratado com muito cuidado, pois diz respeito a questões pessoais que envolvem “a nossa epistemologia (como sabemos o que sabemos), filosofia e propósito de vidas. Tradições religiosas são fundamentos de questões de nossa existência e por isso não devemos nunca esquecer sua importância” (Sieck, 2017, p. 82). Sempre que o repertório exigir, o grupo deve conversar criteriosamente a respeito, já que “a música coral anda de mãos dadas com a experiência espiritual” (Sieck, 2017, p. 83).

Por sua vez, o capítulo sete traz novamente à tona a questão da outrificação, que ganha forma quando olhamos para aqueles(as) que não consideramos como semelhantes, transformando-os(as) nos(as) outros(as), os(as) exóticos(as), os(as) diferentes. Partindo desse pressuposto, o autor reflete sobre o quão frequentemente compositores(as) inspiram-se em obras e culturas distintas daquelas nas quais se inserem, prática que pode encobrir uma apropriação cultural desrespeitosa. Nesse sentido, destaca cinco pontos que podem direcionar o(a) maestro(a) a reconhecer as apropriações indevidas, a saber: 1) analisar se o compositor considera o contexto em que tal manifestação musical ocorre; 2) perceber se a referência utilizada na obra corresponde à cultura predominante daquele povo ou apenas a uma parcela muito pequena que agradou ao(à) compositor(a); 3) perguntar-se como as pessoas trataram as ideias das quais se apropriaram; 4) observar quem está tomando emprestado de quem e se existe alguma relação de poder ou opressão que precisa ser compreendida a partir disso; e, por fim, 5) averiguar se a música emprestada não faz parte de um rito ou manifestação maior e específica daquela cultura, não devendo, portanto, ser tirada do seu contexto original.

No último capítulo, Sieck considera fundamental compreender as raízes históricas do racismo estrutural estadunidense, abrangendo a escravidão, a forma como a discriminação foi institucionalizada e a segregação em suas múltiplas manifestações. Ao falar dos *spirituals*, o autor frisa a importância histórica e teológica desse tipo de canção, ressaltando a necessidade de uma análise mais aprofundada de tal literatura coral, o que envolve o contexto de trabalho dos(as) negros(as) escravizados(as), a linguagem codificada e as referências bíblicas utilizadas nos textos.

No poslúdio, o autor propõe que o coro e o(a) regente dialoguem com os(as) ouvintes, usando recursos como notas de programa, traduções para músicas em línguas estrangeiras e explicações pontuais durante o concerto, pois essas falas comunicam e são efetivas para transmitir emoções. Por fim, alega que, ao se trabalhar com uma pedagogia de ensaios respeitosa, estabelecendo um currículo coral reflexivo e abrangente, com clareza nos objetivos performáticos e na comunicação com o público, pode-se alcançar muitas pessoas, pois

quando ensinamos cantores a usar suas vozes e reconhecemos seu direito à voz no sentido de serem pessoas completas, mudamos suas vidas, infundindo respeito e dignidade em um mundo dilacerado pelo insulto e pela divisão. Criamos um mundo mais compassivo, respeitoso, cooperativo e atencioso – começando em nossa sala de ensaios. Os(as) coralistas aprendem que ninguém pode fazer um ótimo acorde sem outras pessoas, e que ninguém é capaz de afiná-lo sem ouvir essas pessoas. Neste simples momento, o coro estabelece as bases para um mundo melhor (Sieck, 2017, p. 143).

Enfim, o livro *Ensinando com respeito: pedagogia inclusiva para regentes corais* é um convite à reflexão sobre pautas relevantes para a educação musical, a regência e o trabalho com grupos vocais e instrumentais. Como regentes, e independentemente de gênero, quase sempre usamos o pódio, símbolo de poder e autoridade, para reproduzir discursos e ratificar essa hierarquia das identidades, que invisibiliza os sujeitos cujos padrões divergem daqueles pretensamente naturalizados pela superestrutura capitalista, patriarcal e heteronormativa. Isso se projeta em várias instâncias, na relação entre regente e coralista, na escolha do repertório, na forma como nos vestimos, nos colocamos no palco e nos dirigimos à plateia e ao coro, de modo geral. Para revertermos esse quadro e estabelecermos uma prática musical democrática, inclusivista e transformadora, precisamos repensar metodologias de ensaio e estratégias de ensino. Ainda que focado na sociedade estadunidense e publicado há sete anos, o texto de Stephen Sieck continua relevante e atual, sobretudo para quem deseja criar um ambiente de ensaio circunspecto e heterogêneo em qualquer lugar do mundo.